

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

OUTUBRO DE 1859

Nº 10

Os Milagres

Sob o título de *Um Milagre*, o Sr. Mathieu, antigo farmacêutico do Exército, acaba de publicar uma relação de vários fatos de escrita direta, dos quais foi testemunha. Considerando que tais fatos se produziram em circunstâncias mais ou menos idênticas aos que relatamos em nosso número do mês de agosto, e não apresentando nenhuma característica especial, julgamos por bem não descrevê-los. Contudo, nós os mencionamos unicamente para mostrar que os fenômenos espíritas não são privilégio exclusivo de ninguém, e aproveitar a ocasião para cumprimentar o Sr. Mathieu pelo zelo com que os propaga. Várias outras pequenas brochuras e artigos do mesmo autor, em diversos jornais, disso são a prova. O Sr. Mathieu é um homem de ciência que, como tantos outros e como nós próprios, passou pela fileira da incredulidade. Viu-se, porém, obrigado a ceder ante a evidência, porquanto, contra os fatos é necessário depor as armas. Permitimo-nos apenas criticar o título dado à sua última publicação, não por uma questão de jogo de palavras, mas porque acreditamos que o assunto tenha certa importância e mereça um exame sério.

Em sua acepção primitiva e por sua etimologia, a palavra *milagre* significa coisa extraordinária, *coisa admirável de ver*;

mas essa palavra, como tantas outras, afastou-se do sentido originário e, conforme a Academia, hoje se diz de *um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual, e não é senão por comparação e por metáfora que se aplica às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida.

Terá o fenômeno relatado pelo Sr. Mathieu o caráter de um *milagre*, no verdadeiro sentido da palavra? Certamente que não. Como já dissemos, o milagre é uma derrogação das leis da Natureza. Não entra de modo algum em nossa cogitação examinar se Deus julgou útil, em determinadas circunstâncias, derrogar as leis por ele mesmo estabelecidas; nosso fim é unicamente demonstrar que o fenômeno da escrita direta, por mais extraordinário que seja, não derroga absolutamente essas leis, nem possui nenhum caráter miraculoso. O milagre não se explica; a escrita direta, ao contrário, explica-se da maneira mais racional, como vimos em nosso artigo sobre esse assunto. Não se trata, pois, de um milagre, mas de um simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem ainda um outro caráter: o de ser insólito e isolado. Ora, desde que um fato se reproduz, por assim dizer à vontade e por diversas pessoas, já não pode haver um milagre.

Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Eis por que outrora aqueles que sabiam mais que o vulgo passavam por feiticeiros; e como se acreditava que toda ciência viesse do diabo, eles eram queimados. Hoje, que estamos muito mais civilizados, contentamo-nos em enviá-los aos hospícios. Depois que deixamos os inventores morrer de fome, erigimos-lhes estátuas e os proclamamos benfeitores da Humanidade. Mas deixemos essas tristes páginas de nossa história e voltemos ao assunto. Se um homem, que se ache realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem

houver apenas aparências de morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um simples fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso e o autor será apedrejado ou venerado, conforme o caráter das pessoas. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu será tido por armado de diabólico poder; e seja dito de passagem, Prometeu parece ter-se antecipado singularmente a Franklin.

A escrita direta é um dos fenômenos que demonstram da maneira mais patente a ação das inteligências ocultas; mas pelo fato de ser produzido por seres ocultos não é mais miraculoso do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam o espaço são uma das potências da Natureza, cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral. Esclarecendo-nos sobre esse poder, o Espiritismo dá-nos a chave de uma porção de coisas inexplicáveis por outros meios. Como o magnetismo, ele revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, uma vez que se produziam em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi justamente a ignorância dessa lei que gerou a superstição. Conhecida a lei, cessa o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem milagres quando fazem girar uma mesa ou os mortos escreverem, da mesma forma que não o faz o médico, ao reviver um moribundo, ou o físico, ao fazer cair o raio.

Essa a razão por que repelimos com todas as nossas forças a qualificação empregada pelo Sr. Mathieu, embora estejamos persuadidos de que ele não quis dar nenhum sentido místico a essa palavra; além disso, as pessoas que não descem ao fundo das coisas – e estas são em maior número – poderiam

enganar-se e crer que os adeptos do Espiritismo se atribuem um poder sobrenatural. Aquele que pretendesse, auxiliado por essa ciência, *operar milagres*, ou seria ignorante do assunto ou verdadeiro pateta. É inútil dar armas aos que riem de tudo, mesmo daquilo que não conhecem, pois isso seria entregar-se voluntariamente ao ridículo.

Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, foram tidos à conta de prodígios. Ora, como os cépticos, os Espíritos fortes, isto é, aqueles que julgam deter o privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não acreditam que uma coisa seja possível pelo fato de não a compreenderem; eis por que todos os fatos reputados prodigiosos são objeto de zombaria; e como a religião contém grande número de fatos desse gênero, nela não acreditam. Daí à incredulidade absoluta não existe senão um passo.

Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo dá-lhes uma razão de ser. Vem, portanto, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, nem por isso são menos extraordinários, e Deus não é menor nem menos poderoso por não haver derogado suas leis. De quantas pilhérias não foram objeto as levitações de São Cupertino? Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato demonstrado e explicado pelo Espiritismo; nós mesmos fomos *testemunha ocular* e o Sr. Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, repetiram várias vezes o fenômeno produzido por São Cupertino; portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais. No número dos fatos desse gênero devem-se colocar em primeira linha as aparições, por serem as mais freqüentes. A aparição de Salette, que divide o próprio clero, para nós nada tem de insólita. Certamente não podemos afirmar que o fato ocorreu, porque dele não temos a prova material; mas para nós ele é possível, desde que milhares de fatos análogos *recentes* nos são conhecidos; cremos neles não apenas

porque sua realidade é constatada por nós, mas, sobretudo, porque conhecemos perfeitamente a maneira pela qual se produzem. Reportem-se à teoria que demos das aparições e verão que esse fenômeno se torna tão simples e tão plausível quanto uma porção de fenômenos físicos, que somente são considerados prodigiosos porque nos falta possuir a sua chave.

Quanto à pessoa que se apresentou a Salette, é outra questão; sua identidade de modo algum está demonstrada. Constatamos apenas que ocorreu uma aparição; o resto não é da nossa competência. Nosso objetivo também não é examinar se Deus pode derrogar as suas leis ao fazer milagres, no verdadeiro sentido da palavra; trata-se de uma questão de teologia que não entra em nossas cogitações. Que cada um, portanto, guarde as suas convicções a esse respeito, pois o Espiritismo não tem por que se ocupar com isso; apenas dizemos que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas e nos dão a chave de uma multidão de coisas que pareciam sobrenaturais. Se alguns deles, que passavam por miraculosos, encontraram uma explicação lógica e uma razão de ser no Espiritismo, é mais um motivo para não nos apressarmos em negar aquilo que não compreendemos.

Certas pessoas nos criticam por expormos teorias espíritas que elas consideram prematuras. Esquecem que os fatos do Espiritismo são contestados por muitos precisamente porque parecem sair da lei comum e porque não se explicam. Dai-lhes uma base racional e a dúvida cessará. Dizei a alguém, pura e simplesmente, que expedireis um telegrama de Paris à América, recebendo a resposta em poucos minutos, e esse alguém rirá na vossa cara. Explicai o mecanismo do processo e ele acreditará, mesmo sem ver a operação. Neste século em que não se poupam as palavras, a explicação é, pois, um poderoso motivo de convicção; assim, vemos todos os dias pessoas que não testemunharam nenhum fato, que não viram uma mesa girar, nem um médium escrever, e que se acham tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se não devêssemos acreditar

senão naquilo que temos sob os olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

O Magnetismo Reconhecido pelo Poder Judiciário

Na *Revista Espírita* de outubro de 1858, publicamos dois artigos intitulados *Emprego Oficial do Magnetismo Animal* e *O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja*. No primeiro, referimo-nos ao tratamento magnético do rei Oscar, da Suécia, aconselhado pelos seus próprios médicos; no segundo, citamos várias perguntas e respostas, extraídas de uma obra intitulada *Curso Elementar de Instrução Cristã para uso dos Catecismos e Escolas Cristãs*, publicado em 1853 pelo abade Marotte, vigário geral da diocese de Verdun, no qual o magnetismo e o sonambulismo são claramente definidos e reconhecidos. Eis que agora a justiça lhes vem dar uma sanção extraordinária, pelo julgamento do Tribunal Correccional de Douai, de 27 de agosto passado. Como todos os jornais noticiaram esse julgamento, seria inútil repeti-lo, razão por que apenas relataremos sumariamente as circunstâncias.

Um rapaz, que do magnetismo não conhecia senão o nome, e jamais o tinha praticado, conseqüentemente ignorando as medidas de prudência que a experiência aconselha, propôs-se um dia magnetizar o sobrinho do *maître d'hôtel* onde jantava. Depois de alguns passes o menino caiu em sonambulismo, mas o magnetizador improvisado não soube como se portar para fazê-lo sair daquele estado, o qual foi seguido de crises nervosas persistentes, de que resultou uma queixa à Justiça, apresentada pelo tio contra o magnetizador. Dois médicos foram chamados como peritos. Eis o extrato de seu depoimento, que é mais ou menos idêntico, pelo menos quanto à conclusão. Após haver descrito e constatado o estado sonambúlico do menino, acrescenta o primeiro médico:

“Não creio absolutamente na existência de um fluido novo, de um agente físico mais ou menos análogo ao magnetismo terrestre, desenvolvendo-se no homem sob a influência de passes, toques, etc., e que produziria nas pessoas influenciadas efeitos por vezes maravilhosos.

“A existência de um tal fluido nunca foi cientificamente demonstrada. Longe disso: todas as vezes que homens difíceis de enganar, membros da Academia das Ciências e médicos eminentes quiseram verificar os fatos alegados, os príncipes do magnetismo sempre recuaram, estribados em pretextos por demais evidentes, e nem a questão do fato, nem muito menos a questão de doutrina puderam ser elucidados. Para o mundo científico, portanto, não existe magnetismo animal. Todavia, segue-se daí que as práticas dos magnetizadores não produzam nenhum efeito? *Pelo fato de negarmos, e com razão, o magnetismo, não poderíamos admitir a magnetização?*

“Estou convencido de que, se as imaginações nervosas e impressionáveis são todos os dias abaladas pelas manobras de que se trata, é nelas mesmas que devemos ver os fenômenos que apresentam, e não numa espécie de irradiação por parte do experimentador. Esta explicação se aplicaria ao caso Jourdain se os ataques que se seguiram ao primeiro, supondo tenham sido determinados pela magnetização, fossem se espaçando e enfraquecendo: um impulso único logicamente deveria produzir efeitos decrescentes. Ora, dá-se justamente o contrário: à medida que o tempo passa, os ataques se aceleram e aumentam de intensidade. Esta circunstância me confunde. Evidentemente está em jogo uma influência indeterminada: qual seria? Os antecedentes e a maneira de ser física de Jourdain não me são suficientemente conhecidos para que eu os possa atribuir ao seu temperamento; e devo confessar não saber onde colocar a causa.”

Neste ponto a criança é vitimada por um de seus ataques. Assim como o seu colega, a testemunha constata: contrações musculares gerais e *clônicas*²⁵; pele e olhos com sensibilidade preservada; pupilas fotoreagentes; ausência de espuma na boca; polegares fletidos na palma das mãos. Além disso, o grito inicial não ocorreu e o acesso termina gradualmente, passando pelo período sonambólico. À vista disso, os médicos declaram que a criança não é epiléptica, nem, menos ainda, cataléptica.

Interpelada a respeito da palavra sonambulismo, objetivando saber se tudo isso não se explicaria admitindo-se que o paciente, antes sonâmbulo, teria tido a 15 de agosto um acesso desse tipo de doença, a testemunha respondeu que, “em primeiro lugar não estava estabelecido que a criança fosse sonâmbula e, depois, tal fenômeno se teria produzido em condições absolutamente insólitas: em vez de ocorrer à noite, em meio ao sono natural, teria vindo em pleno meio-dia e em completa vigília. A mim, os passes magnéticos parecem ser a causa do estado atual da criança: não vejo outra razão.”

O segundo médico depõe assim: “Vi o pequeno doente no dia 13 de outubro de 1858; estava em estado sonambólico, gozando de locomoção voluntária; recitava o catecismo. Meu filho o viu na noite de 15: encontrava-se no mesmo estado e conjugava o verbo *poder*. Só algum tempo depois é que fiquei sabendo que ele fora magnetizado, e que um viajante teria dito: se não for desmagnetizado, talvez permaneça assim por toda a vida. Em minha juventude conheci um estudante no mesmo estado que, tendo sido curado sem recursos médicos, tornou-se um homem distinto na profissão que abraçou. Os acidentes que o doente experimentou não passaram de perturbações nervosas: não existe nenhum sintoma de epilepsia, nem de catalepsia.”

25 **N. do T.:** Grifo nosso: Espasmos em que se alternam, em rápida sucessão, rigidez e relaxamento. No original está grafada a palavra *chroniques*, sem correlação com o quadro clínico descrito acima.

O Tribunal pronunciou a seguinte sentença:

“Considerando que o acusado, no dia 15 de agosto, ao exercer imprudentemente sobre a pessoa do jovem Jourdain, de 13 anos, toques e gestos qualificados como passes magnéticos, no mínimo ferindo com esse aparato e por essas manobras não costumeiras a fraca imaginação da criança, produzindo-lhe uma superexcitação, uma desordem nervosa e, por fim, uma lesão ou uma doença, cujos acessos se repetiram desde então a diversos intervalos;

“Considerando que as manobras imprudentes que provocaram a dita lesão, ou doença, constituem delito previsto no artigo 320 do Código Penal;

“Considerando que o fato de que se trata ocasionou à parte civil um prejuízo que deve ser reparado; e

“Levando-se em conta que existem circunstâncias atenuantes,

“O Tribunal condena o acusado a 25 francos de multa, 1200 francos de perdas e danos e a arcar com as custas do processo.”

Nada temos a dizer quanto ao julgamento em si mesmo. O Tribunal teve ou não teve razão de condenar? A pena é muito forte ou é excessivamente fraca? Isto não nos diz respeito; a justiça se pronunciou e nós respeitamos a sua decisão. Entretanto, não deixaremos de examinar as conseqüências do julgamento, que tem um alcance capital. Houve condenação, portanto, houve um delito. Como foi este cometido? A sentença diz: *por toques e gestos qualificados como passes magnéticos*; portanto, os toques e passes magnéticos têm uma ação e não resultam de mera simulação. Esses toques e esses passes diferem, de algum modo, dos toques e gestos ordinários; como os distinguir? Eis aí uma coisa importante, porque, se não houvesse diferença, não poderíamos tocar a

primeira pessoa que encontrássemos, nem lhe fazer sinais, sem nos expormos a fazê-la cair em crise e sem incorreremos numa multa. Não compete ao Tribunal nos ensinar, nem, muito menos, dizer como os passes e toques, *quando têm o caráter magnético*, podem produzir um efeito qualquer. Ele constata o fato de um acidente e a causa do acidente; sua missão é apreciar o dano e a reparação que é devida. Mas os peritos chamados a esclarecer o Tribunal por certo nos vão ensinar a respeito; mesmo sem terem feito um curso sobre a matéria, devem fundamentar sua opinião, como se faz em todos os casos de medicina legal, e provar que falam com conhecimento de causa, considerando ser essa a primeira condição a ser preenchida por um perito. Ora! Ficamos decepcionados com a lógica desses senhores; seu depoimento revela completa ignorância sobre aquilo que devem opinar; não apenas desconhecem o magnetismo, como não lhes são familiares os fatos do sonambulismo natural, pois imaginam, um deles pelo menos, que tais fatos só se produzem *à noite* e durante o sono natural, o que é contrariado pela experiência.

Não é aí, porém, que se acha a parte mais notável do depoimento, especialmente da primeira testemunha: “Pelo fato de *negarmos, e com razão, o magnetismo, não poderíamos admitir a magnetização?*” Na verdade, não sei se há uma lógica muito difícil de ser entendida, mas confesso com toda humildade que isso ultrapassa a minha inteligência e que muitas pessoas estão comigo, porque seria o mesmo que afirmar ser possível magnetizar sem magnetismo, absolutamente como se disséssemos que um homem houvera recebido bordoadas na ausência do bordão responsável. Ora, acreditamos firmemente, de acordo com um velho ditado, e até prova em contrário, que para dar bordoadas faz-se necessário o bordão e, por analogia, para magnetizar é preciso magnetismo, do mesmo modo que, para purgar, é preciso o purgante. Nossa inteligência não vai até a ponto de compreender os efeitos sem as causas.

Direis que não nego o efeito; pelo contrário, eu o constato. O que nego é a causa que atribuí a esse efeito. Dizeis que entre os vossos dedos e o paciente existe algo invisível, a que chamais de fluido magnético. Quanto a mim, assevero não haver coisa alguma; que esse fluido não existe. Ora, o que existe é o magnetismo; vossos gestos são a magnetização. – De acordo. Admitis, assim, que simples gestos sem intermediário podem produzir crises nervosas e efeitos sonambúlicos, catalépticos e outros, unicamente porque a imaginação foi ferida. Admitamos que sim. Gostaria de ver uma pessoa ser impressionada por meio desses gestos e essa impressão chegar a ponto de fazê-la dormir em pleno dia, e contra a sua vontade, o que, haveis de convir, já seria um fato admirável. Mas será esse um sono natural, causado, como dizem alguns, pela monotonia dos movimentos? Neste caso, como explicaríeis a instantaneidade do sono produzido em alguns segundos? Por que não despertais facilmente esse dorminhoco, sacudindo-lhe tão-somente os braços? Deixemos de lado, por razões óbvias, muitos outros fenômenos igualmente pouco explicáveis pelo vosso sistema; não obstante, existe um cuja solução sem dúvida podereis dar, porquanto não creio que tenhais elaborado uma teoria sobre um assunto de tamanha gravidade sem vos terdes assegurado de que ele resolve todos os casos, teoria que deve ser pouco arriscada, permitindo que a enuncieis em pleno tribunal. Deveis, pois, estar bem seguros. Pois bem! Eu vos peço, para a instrução do público e de todas as pessoas bastante simples para acreditarem na existência de um fluido magnético, que resolvais pelo vosso sistema as duas questões seguintes:

1ª Se os efeitos atribuídos ao fluido magnético resultam apenas de uma imaginação excitada e fortemente impressionável, como se produzem à revelia da pessoa, quando é magnetizada durante o sono natural, ou quando se encontra num aposento vizinho, sem ver o magnetizador e sem saber que é magnetizada?

2º Se os toques ou passes magnéticos podem produzir crises nervosas e estados sonambúlicos, como podem esses mesmos toques e passes produzir o efeito contrário, destruir o que fizeram, acalmar as crises nervosas mais violentas que ocasionaram e fazer cessar o estado sonambúlico subitamente, como se fora um golpe de mágica? É por efeito da imaginação que a pessoa não vê, nem ouve o que se passa à sua volta? Ou é preciso admitir que se pode agir sobre a imaginação sem o concurso da imaginação, o que seria muito possível, já que se pode magnetizar sem magnetismo?

Isto me lembra uma pequena anedota. Um imprudente manejava um fuzil; o tiro disparado matou outro indivíduo. O perito foi chamado para examinar a arma, declarando que o indivíduo havia sido morto por um tiro de fuzil, embora este não se encontrasse carregado. Não é exatamente esse o caso do nosso magnetizador, que fere ao magnetizar, mas sem magnetismo? Seguramente o Tribunal de Douai, na sua alta sabedoria, não meditou nestas contradições, sobre as quais não devia pronunciarse. Como dissemos, ele não considerou senão o efeito produzido, declarando-o produzido por *toques e passes magnéticos*; não havia por que decidir se em nós existe, ou não existe, um fluido magnético. Mas o julgamento não constata de maneira menos autêntica que o magnetismo é uma realidade; de outro modo não teria condenado alguém por ter feito gestos insignificantes. Que isto sirva de lição aos imprudentes, que brincam com o que não conhecem.

Na opinião que emitiram, esses senhores não perceberam que chegavam a um resultado diametralmente oposto ao seu objetivo, o de atribuir aos magnetizadores um poder que estes estão longe de reivindicar. Com efeito, os magnetizadores sustentam que não agem senão com o auxílio de um intermediário; que, *quando esse intermediário lhes falta, sua ação é nula*; não se reconhecem com o poder de dar bordoadas sem bordões, nem de matar a tiros com um fuzil descarregado. Muito bem! Com a sua teoria esses senhores ainda operam outro prodígio, porque agem

sem ter nada nas mãos e nos bolsos. Realmente, há coisas que não podem ser levadas a sério; nós lhes pedimos muitas desculpas, mas isso não diminui em nada o seu mérito. Eles podem ser muito hábeis e médicos assaz competentes; sem dúvida foi por isso que o Tribunal os consultou. Permitimo-nos apenas criticar a sua opinião sobre o magnetismo.

Finalizamos com uma observação importante. Se o magnetismo é uma realidade, por que não é reconhecido oficialmente pela Faculdade? A tal respeito há muitas coisas a dizer. Limitar-nos-emos a uma única consideração, perguntando por que as descobertas hoje mais aceitas não o foram de imediato pelas corporações científicas? Deixo a outros o cuidado de responder. A classe médica está dividida sobre a questão do magnetismo, assim como em relação à homeopatia, à alopatia, à frenologia, ao tratamento da cólera, aos purgantes, às sangrias e sobre tantas outras coisas, de tal sorte que uma opinião a favor ou contra não passa de uma opinião individual, sem força de lei. O que faz a lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos, a despeito de toda oposição, e que sobre os mais recalcitrantes exerce uma pressão irresistível. É o que acontece com o magnetismo, bem assim com o Espiritismo, e não será avançar muito dizer que metade dos médicos hoje reconhece e admite o magnetismo, e que três quartos dos magnetizadores são médicos. Dá-se o mesmo com o Espiritismo, que conta em suas fileiras uma infinidade de médicos e homens de ciência. Que importa, pois, a oposição sistemática ou mais ou menos interessada de alguns? Deixemos passar o tempo, que varre o amor-próprio ferido e as mesquinhas preocupações! A verdade pode ser abalada, mas não destruída, e a posteridade registra o nome dos que a combateram ou sustentaram. Se o magnetismo fosse uma utopia, há muito tempo dele não se cuidaria, ao passo que, como seu irmão, o Espiritismo, finca raízes por todos os lados. Lutai, pois, contra as idéias que invadem o mundo inteiro, de alto a baixo da escala social!

Médiuns Inertes

No número das questões importantes que se ligam à ciência espírita, o papel dos médiuns foi objeto de muitas controvérsias. O Sr. Brasseur, diretor do Centro Industrial, manifestou a respeito idéias particulares, numa série de artigos muito bem redigidos no *Moniteur de la toilette*²⁶, principalmente no mês de agosto último, do qual extraímos as passagens que citaremos adiante. Ele nos honra com o pedido de nossa opinião; nós lha daremos com toda sinceridade, sem pretender que o nosso julgamento faça lei. Deixemos que nossos leitores e observadores julguem a questão. Aliás, não teremos senão que resumir o que a respeito já dissemos em várias ocasiões, quando tratamos o assunto com muito mais desenvolvimento do que aqui podemos fazer, não nos sendo possível repetir o que se acha em nossos diversos escritos.

Eis as principais passagens de um dos artigos do Sr. Brasseur, seguidas de nossas respostas:

“O que é um médium? O médium é ativo ou passivo? Tais são as perguntas que visam a elucidar um assunto que preocupa vivamente as pessoas desejosas de se instruírem sobre as coisas de além-túmulo e, conseqüentemente, de suas relações com esse mundo.

“A 18 de maio último, enviei ao Presidente da *Société Spirite* uma nota intitulada: *Do Médium e dos Espíritos*. Por volta do dia 15 de julho o Sr. Allan Kardec publicou um novo livro sob o título: *O Que é o Espiritismo?* Ao abri-lo, imaginei encontrar uma resposta categórica, mas em vão. O autor persiste em seus erros: *Os médiuns* – diz ele à página 75 – *são PESSOAS aptas a receber, de maneira patente, a impressão dos Espíritos e a servir de INTERMEDIÁRIOS entre o mundo visível e o mundo invisível.*”

26 Journal des salons. – Modes. – Littérature. – Théâtres. Rue de l'Echiquier, 45.

A obra supracitada não é um curso de Espiritismo; é uma exposição sumária dos princípios da ciência para uso das pessoas que desejam adquirir as primeiras noções, e o exame das questões de detalhe e das diversas opiniões não podem entrar num quadro tão restrito e de finalidade especial. Quanto à definição que damos dos médiuns, parece perfeitamente clara, e é por ela que respondemos à pergunta do Sr. Brasseur: O que é um médium? É possível que ela não corresponda à sua opinião pessoal; quanto a nós, até agora não temos nenhum motivo para modificá-la.

“O Sr. Allan Kardec não reconhece o médium inerte. Fala muito de caixas, cartões ou pranchetas, mas não vê nessas coisas (página 62) senão apêndices da mão, cuja inutilidade teria sido reconhecida...”

“Compreendamos bem.”

“Na sua opinião o médium é um intermediário entre o mundo visível e o mundo invisível; mas é *absolutamente necessário que esse intermediário seja uma pessoa*? Não basta que o invisível tenha à sua disposição um *instrumento qualquer* para se manifestar?”

A isso responderemos sem rodeios: Não; não basta que o invisível tenha à sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar, pois lhe falta o concurso fluídico de uma pessoa; para nós essa pessoa é o verdadeiro médium. Se bastasse ao Espírito ter à sua disposição um instrumento qualquer, veríamos cestas ou pranchetas escreverem sozinhas, o que jamais aconteceu. A escrita direta, que parece ser o fato mais independente de qualquer cooperação, só se produz sob a influência de médiuns dotados de uma aptidão especial. Uma consideração poderosa vem corroborar nossa opinião. De acordo com o Sr. Brasseur, o instrumento é a coisa principal, e a pessoa é a coisa acessória; para nós é justamente o contrário. Se assim não fosse, por que as pranchetas não se moveriam com qualquer um? Se, pois, para fazê-la mover, é necessário que sejamos dotados de uma aptidão especial, o papel da

pessoa não é puramente passivo. É por isso que essa pessoa é, para nós, o verdadeiro médium. O instrumento, como já dissemos, é apenas um apêndice da mão, do qual podemos dispensar. E isso é tão verdadeiro que toda pessoa que escreve por meio da prancheta pode fazê-lo diretamente com a mão, sem prancheta e mesmo sem lápis, visto poder traçar os caracteres com o dedo, ao passo que a prancheta não escreve sem a pessoa. Aliás, todas as variedades de médiuns, assim como seu papel *ativo* ou *passivo*, estão amplamente desenvolvidos em nossa *Instrução Prática sobre as Manifestações*.

“Separada da matéria pela dissolução do corpo, a alma não tem mais nenhum elemento físico da Humanidade.”

E que fazeis do perispírito? O perispírito é o laço que une a alma ao corpo, o envoltório semimaterial que ela possui durante a vida e que conserva após a morte: é sob esse envoltório que ela se mostra nas aparições. Esse envoltório também é matéria que, embora eterizada, pode adquirir as propriedades da tangibilidade.

“Segurando o lápis diretamente, observou-se que a pessoa mistura os sentimentos e as suas idéias com as idéias e os sentimentos do invisível, de sorte que assim são dadas apenas *comunicações com interferência*, ao passo que, empregando as caixas, cartões e pranchetas sob as mãos de duas pessoas reunidas, estas permanecem absolutamente estranhas à manifestação que, então, é somente do invisível; é por isso que declaro este último meio superior e preferível ao da Sociedade Espírita.”

Esta opinião poderia ser verdadeira se não fosse contraditada pelos milhares de fatos observados, seja na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, seja em outros lugares, provando, de maneira insofismável, que os médiuns animados, *mesmo intuitivos*, e com mais forte razão os médiuns *mecânicos*, podem ser instrumentos absolutamente passivos e gozar da mais completa independência de pensamentos. No médium mecânico o Espírito age sobre a mão, que recebe um impulso completamente

involuntário e desempenha o papel daquilo que o Sr. Brasseur chama *médium inerte*, quer seja ela só, quer munida de um lápis, ou apoiada sobre um objeto móvel, provido de lápis.

No médium intuitivo o Espírito age sobre o cérebro, transmitindo pela corrente do sistema nervoso o movimento ao braço, e assim por diante. O médium mecânico escreve sem ter a menor consciência do que produz: *o ato precede o pensamento*. No médium intuitivo o pensamento acompanha o ato e por vezes o precede: é então o pensamento do Espírito que atravessa o cérebro do médium; e se algumas vezes parecem confundir-se, nem por isso sua independência é menos manifesta, quando, por exemplo, o médium escreve, *mesmo por intuição* coisas que não pode saber, ou inteiramente contrária às suas idéias, à sua maneira de ver e às suas próprias convicções. Numa palavra, quando ele pensa branco e escreve preto. Além disso, há tantos fatos espontâneos e imprevistos que não é possível a dúvida naqueles que os observaram. O papel do médium é aqui o de um intérprete que recebe um pensamento estranho, transmite-o e deve compreendê-lo a fim de o transmitir, e que, entretanto, não o assimila. É assim que as coisas se passam nos médiuns falantes que recebem o impulso sobre os órgãos da palavra, como outros o recebem sobre o braço ou a mão, e ainda os médiuns *audientes*, que escutam claramente uma voz a falar-lhes e a ditar-lhes o que devem escrever. E que diríeis dos médiuns *videntes*, aos quais os Espíritos se mostram sob a forma que possuíam em vida, médiuns que os vêem circular à nossa volta, indo e vindo como a multidão que temos aos nossos olhos? E os médiuns impressionáveis, que sentem os toques ocultos, a impressão dos dedos e até das unhas, marcando a pele e nela deixando o seu sinal? Isso pode ocorrer com um ser que nada mais tem de matéria? E os médiuns de dupla vista? Embora perfeitamente despertos e em pleno dia, vêem claramente o que se passa a distância. Não é uma faculdade própria, um gênero de mediunidade? A mediunidade é a faculdade dos médiuns. Os médiuns são pessoas acessíveis à influência dos Espíritos e que lhes

podem servir de intermediários. Tal é a definição que se encontra no pequeno *Dictionnaire des Dictionnaires français abrégé*, de Napoléon Landais, e até agora ela nos parece dar exatamente essa idéia.

Não contestamos a utilidade dos instrumentos que o Sr. Brasseur designa sob o nome de médiuns inertes, já que ele tem perfeita liberdade para o escolher, caso julgue conveniente fazer uma distinção. Incontestavelmente eles têm uma vantagem, como resultado da experiência, para as pessoas que ainda nada viram. Como, porém, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos constitui-se apenas de pessoas que não são mais iniciantes, cujas convicções já se formaram; como não faz nenhuma experiência visando a satisfazer a curiosidade do público – que jamais convida às suas sessões, a fim de não ser perturbada em suas pesquisas e em suas observações – esses meios primitivos não lhe ensinariam nada de novo. Eis por que a Sociedade utiliza meios mais eficientes, visto possuir grande experiência do assunto para saber distinguir perfeitamente a natureza das comunicações que recebe.

Não acompanharemos o Sr. Brasseur em todos os raciocínios sobre os quais apóia a sua teoria. Temeríamos enfraquecê-los ou mutilá-los. Na impossibilidade de os reproduzir na íntegra, preferimos remeter os leitores, que deles quiserem tomar conhecimento, ao jornal que ele redige com incontestável talento, e no qual se encontram sobre o mesmo assunto artigos do Sr. Jules de Neuville, muito bem escritos, mas que aos nossos olhos apresentam somente uma falha: não terem sido precedidos de um estudo suficientemente aprofundado da matéria, o que teria evitado muitas questões supérfluas.

Em resumo, de acordo com a Sociedade Espírita, persistimos em considerar as pessoas como verdadeiros médiuns, que podem ser ativos ou passivos, segundo a sua natureza e a sua aptidão. Chamemos os instrumentos – se assim o quiserem – de

médiuns inertes; é uma distinção que talvez seja útil, mas incorreríamos em erro se lhes atribuíssemos o papel e as propriedades dos seres animados nas comunicações *inteligentes*. Dizemos inteligentes porque ainda é necessário distinguir certas manifestações espontâneas puramente físicas. É um assunto que já tratamos amplamente na *Revista*.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 29 de julho de 1859 [Sessão Geral]

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – Fatos curiosos de previsão de morte e avisos de além-túmulo, ocorridos, um com os senhores de Chamissot e de Brunoy, emigrados que residiam em Coblença, em 1794; outro, com a condessa Ch... [Serão publicados]

Observações microscópicas e analíticas da matéria da escrita direta. [Ver o número do mês de agosto de 1859.]

Leitura de uma carta em resposta à remessa da evocação do Sr. J. (de la Sarthe), feita na sessão de 22 de julho.

Estudos – Perguntas complementares relativas ao repouso dos Espíritos. As respostas não parecem à altura do Espírito evocado, cuja clareza e precisão habituais não foram reconhecidas. Como não apresentam solução satisfatória, a Sociedade não as toma em consideração.

Perguntas dirigidas a François Arago a propósito das respostas equívocas acima referidas. Ele diz que o Espírito que as respondeu não é o que foi chamado, acrescentando que tal Espírito não é mau e, sim, pouco adiantado e incapaz de resolver certas

questões. Deixaram-no vir para vos exercitar na apreciação das respostas e para dar a ele uma lição.

Perguntas ao mesmo Espírito sobre a análise química da matéria da escrita direta.

Mais perguntas ao mesmo Espírito sobre as tempestades e o papel dos Espíritos nos fenômenos da Natureza. [Publicadas no número de setembro.]

2^o Evocação do Sr. J... (de la Sarthe), conforme a carta acima relatada. [Publicada no número de setembro, sob o título *Morte de um Espírita.*]

Evocação de Jacques Arago. [Será publicada.]

Sexta-feira, 2 de setembro de 1859 [Sessão particular]

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

Assuntos Administrativos – Apresentação e admissão de dois novos membros titulares e de um membro correspondente em Madrid.

Comunicações – Carta do Sr. Det..., membro da Sociedade, na qual cita notável passagem, extraída do Tableau de Paris, de Mercier, edição de 1788, 12^o volume, intitulado *Spiritualistes*. Esta passagem constata a existência, naquela época, de uma Sociedade formada em Paris, tendo por objetivo as comunicações com os Espíritos. Fornece, assim, uma nova prova de que o Espiritismo não é uma criação moderna, e que era aceito pelos homens mais eminentes. (Publicada a seguir.)

O Sr. S... observa, a propósito, que naquela época um tal *Martinez Pascalis* tinha fundado a seita dos *Martinistas*, que também pretendia estabelecer relações com os Espíritos, por meios que os iniciados se comprometiam a manter em segredo.

Carta do Dr. B..., de Nova Iorque, agradecendo à Sociedade o título de correspondente que esta lhe havia conferido e dando detalhes interessantes acerca da exploração mercantil do Espiritismo na América.

Comunicação de diversas cartas do Sr. Dumas, membro titular da Sociedade em Sétif, na Argélia, contendo grande número de evocações, muitas das quais oferecem grande interesse do ponto de vista do estudo. Elas constataam que vários médiuns se desenvolveram naquele país e que o Espiritismo é objeto de grande preocupação. Entre os fatos citados sobressai-se principalmente o seguinte: Ao tentar escrever como médium, um carvoeiro semi-analfabeto não obteve senão traços irregulares, com os quais preencheu sucessivamente seis páginas; teve, em seguida, a idéia de colocar essas páginas uma depois da outra e achou que os traços concordavam entre si, formando um conjunto. Essa mesma pessoa depois chegou a escrever páginas inteiras com grande facilidade. Entretanto, a prolixidade, a abundância e a natureza de certas comunicações fazem reeçar uma obsessão.

O Sr. Allan Kardec presta esclarecimentos sobre um fato de manifestação espontânea que ocorreu numa reunião em sua casa e em circunstâncias notáveis. A princesa S..., presente à reunião, manifestou o desejo de evocar o Dr. Beaufile, seu médico, morto há sete ou oito anos. Três médiuns, no número dos quais se achava a filha da princesa, que também era excelente médium, foram tomados de movimentos convulsivos violentos, quebrando os lápis e rasgando o papel. Intimado a identificar-se, depois de muita hesitação o Espírito terminou por dizer que não ousava revelar seu nome. Coagido pelas perguntas, respondeu que sabiam seu nome pelos jornais; que era um miserável; que tinha matado; que era o empregado do açougue, assassino da Rua de la Roquette, executado recentemente. Interrogado sobre os motivos de sua presença, sem ter sido chamado, disse que tinha sido enviado por outros Espíritos, *a fim de convencer os médiuns de que não escreviam o*

seu próprio pensamento; termina pedindo que orem por ele, porque se arrepende de sua conduta e sofre bastante. Retirou-se depois que prometeram satisfazer-lhe o desejo, e após lhe haverem dado alguns conselhos. Veio então o Dr. Beaufile, respondendo com muita calma e lucidez às diversas perguntas que lhe foram dirigidas.

Esta comunicação é, realmente, uma prova manifesta da independência dos médiuns, porquanto todos os membros da reunião estavam preocupados com a evocação do médico e ninguém pensava naquele homem, que a todos veio surpreender, manifestando-se por sinais idênticos a três médiuns diferentes, que não dispunham nem de cartões, nem de pranchetas.

Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo Sr. R..., membro da Sociedade, sobre a antigüidade das crenças espíritas, bem como os traços que deixaram nas demais religiões. (Publicada a seguir.)

Estudos – Evocação de Privat d'Anglemon. (Será publicada).

Evocação do milionário avarento de Lyon, mais conhecido como Père Crepin. (Será publicada.)

Sexta-feira, 9 de setembro de 1859 [Sessão geral]

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo Visconde de H..., médium recentemente desenvolvido, e transmitida pelo Sr. D..., membro da Sociedade, em Lille. (Será publicada).

Leitura de uma comunicação espontânea de Lamennais, obtida pelo Sr. R..., membro da Sociedade. (Será publicada.)

Outra comunicação espontânea obtida pelo mesmo, de parte do Dr. Olivier, que se apresentou sem ter sido chamado. Essa comunicação tem isso de notável: mostra aquele Espírito numa situação idêntica à de Voltaire, tal como este último a descreveu em suas Confissões, publicadas na Revista do mês de setembro. Ele duvida de tudo, mesmo de Deus. Errante, não encontra ninguém para o esclarecer, o que o mergulha numa ansiedade tanto mais penosa quanto menos lhe vê o termo. As palavras de consolo dirigidas pelo médium representam para ele um raio de luz e um alívio. Promete voltar. (Será publicada.)

O Sr. Allan Kardec relata um fato notável de obsessão, por parte de um Espírito brutal, antigo carroceiro, sobre a pessoa do Sr. C..., excelente médium. Além disso, o fato confirma a possibilidade da existência de lugares assombrados por certos Espíritos. (Será publicada.)

Os Espíritos bulhentos de Madrid; relato de um fato noticiado, sem comentário, por um jornal de Madrid, a respeito de uma casa daquela cidade, cujos ruídos e desordens noturnos a tornavam inabitável, e contra os quais as investigações e as medidas da polícia haviam fracassado.

Estudos – Questões sobre a avareza, a propósito da evocação do Père Crepin, de Lyon. (Serão publicadas depois dessa evocação.)

Evocação de Privat d'Anglemon - 2ª entrevista. (Será publicada.)

Evocação do Sr. Julien S..., feita a pedido do Sr. B. de Buxhors.

Evocação do Sr. Adrien de S..., feita por uma pessoa estranha que assistia à sessão. Não obstante de interesse puramente pessoal, essa evocação oferece um traço característico quanto à influência exercida pelos Espíritos errantes sobre os encarnados.

A cripta de Saint-Leu. Procurando a sepultura do grande chanceler Pasquier na igreja de Saint-Leu, em Paris, no dia 27 de julho de 1859, ao perfurarem um buraco na parede encontraram debaixo do coro uma cripta de cinco metros de comprimento por quatro de altura e dois de largura, hermeticamente fechada por uma laje. Nessa cripta foram encontrados quinze a vinte esqueletos sem esquite e em diferentes posições, o que indicava que não haviam sido enterrados. Na parede, gravado com um instrumento pontiagudo, estava escrito: Marvé, 1733; Marx, coroinha, 1727; Charles Remy, 1721; Gabriel, 1727; Thiévan, 1723; Maupain, 1728, e vários nomes ilegíveis.

Interrogaram o Espírito São Luís sobre a possibilidade de evocar um dos Espíritos cujos nomes se acham na cripta, a fim de obter-se esclarecimentos a respeito dessa descoberta. Respondeu ele: “Aconselho-vos a deixar isso de lado. Há crimes neste caso, e este é muito recente para exumarmos algo que se relacione com ele.”

Verteuil, antigo autor dramático e ator do *Théâtre de la Cité*. Era um rapaz inteligente, de notável beleza e possuía uma grande fortuna. Em pouco tempo perdeu todos os haveres numa bancarrota, depois a voz, a audição e a visão. Morreu em Bicêtre, onde ficou vinte anos, surdo, mudo e cego, recebendo comunicação apenas quando lhe riscavam os caracteres na palma da mão; então, respondia por escrito. Esta posição excepcional parecia oferecer interessante matéria de estudo psicológico. Consultado a respeito, o Espírito São Luís respondeu: “Não o evoqueis; ele está reencarnado.” Em seguida forneceu diversas informações sobre os antecedentes do rapaz, as causas e as circunstâncias de sua enfermidade. (Para os detalhes desta história comovente, vide a *Patrie*, de 26 de julho de 1859.)

Evocação de antigo carroceiro, de cujas comunicações já demos notícia. Ele se manifesta por sinais de violência, quebra o

lápiz, que força sobre o papel, e por uma escrita grosseira, irregular e pouco legível. Esta evocação apresenta um caráter notável, sobretudo do ponto de vista da influência que o homem pode exercer sobre certos Espíritos inferiores, por meio da prece e dos bons conselhos. (Será publicada.)

Sexta-feira, 16 de setembro de 1859 [Sessão particular]

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 9 de setembro.

Comunicações – Leitura de um artigo do *Illustration* de 1853, comunicado pelo Sr. R..., e intitulado *As Meses Volantes*. Segundo o jornal russo *Sjevernava Peschela*, de 27 de abril de 1853, e conforme documentos fornecidos pelo Sr. Tscherepanoff, esse artigo demonstra que o fenômeno das mesas girantes é conhecido e praticado desde tempos imemoriais, na China, na Sibéria e entre os Kalmouks da Rússia meridional. Principalmente entre estes últimos, esse meio é utilizado na descoberta de objetos perdidos. (Publicado a seguir.)

O Sr. Dorgeval dirige à Sociedade um poema intitulado *Uranie*, do Sr. de Porry, de Marselha, no qual os pontos fundamentais da Doutrina Espírita estão claramente enunciados, embora na época de sua composição não tivesse o autor nenhuma noção dessa ciência. Não menos digno de nota é o Sr. Porry ter escrito seu poema por uma espécie de faculdade mediúnica. Era à noite, meio adormecido, que os versos se formavam em seu pensamento e ele os escrevia no dia seguinte, ao despertar. Foi feita a leitura de vários fragmentos desse poema, que será publicado nesta Revista.

Carta do Sr. P..., de Marselha, contendo a comunicação de um Espírito que se dá a conhecer pelo nome de Paulo, e uma de São Luís, notável por diversas respostas de grande profundidade.

Leitura de uma comunicação espontânea dada ao Sr. R..., membro da Sociedade, pelo açougueiro assassino da Rua de la Roquette, de que tratamos na sessão de 2 de setembro, e que veio interpor-se numa reunião havida na casa do Sr. Allan Kardec. Esse Espírito vem agradecer as preces que foram feitas em seu benefício, conforme havia pedido. Tal comunicação é notável pelos bons pensamentos que encerra, projetando uma nova luz sobre a assistência que pode ser dada aos Espíritos sofredores. (Será publicada.)

Estudos – Perguntou-se ao Espírito São Luís se, independentemente dos assuntos previamente elaborados, poderiam os Espíritos dar-nos comunicações espontâneas sobre assunto de sua livre escolha. Respondeu afirmativamente, dizendo que César escreverá da próxima vez por intermédio do Sr. R..., e com o consentimento deste último.

O Sr. Col..., presente à sessão como ouvinte, pergunta se lhe permitem fazer a evocação de seu filho, cuja morte é, para sua mãe, uma causa de sofrimento que nada pode atenuar. Devendo ir encontrá-la no dia seguinte, gostaria de relatar a conversa como um motivo de consolação. Como é de interesse meramente pessoal, esta evocação não será publicada.

Exame da teoria do Sr. Brasseur sobre os médiuns. Ele considera os cartões, pranchetas e outros instrumentos como os únicos médiuns verdadeiros, que classifica de *médiuns inertes*, considerando-se que nos médiuns animados, diz ele, há sempre maior ou menor participação do pensamento pessoal. Vários membros tomam parte na discussão, pondo-se de acordo no combate à opinião do Sr. Brasseur, fundada, segundo dizem, sobre uma observação incompleta, tendo em vista que a independência absoluta do médium animado está provada por fatos irrecusáveis. Um dos argumentos opostos ao Sr. Brasseur é de que os cartões e pranchetas nunca falam sozinhos, donde resulta que não passam de

instrumentos ou, como já foi dito, de apêndices perfeitamente dispensáveis; são os acessórios e não o principal. Munida de lápis e influenciada pela pessoa, a prancheta não é mais médium que o lápis colocado diretamente na mão da pessoa.

O Sr. Sanson procede à leitura de alguns versos que ele compôs em homenagem a São Luís e em agradecimento pela cura de que foi objeto. Como não se julga poeta, pergunta qual o Espírito que os inspirou. Respondem-lhe que foi o seu próprio Espírito, tomado de justo reconhecimento por aquele que aliviou suas dores.

Evocação de Swedenborg – À evocação feita por Allan Kardec, ele responde: “Falai, meu velho amigo.” – Honrais-me com o título de vosso velho amigo e, no entanto, estamos longe de ser contemporâneos; não vos conheço senão pelos vossos escritos. – “É verdade, mas eu vos conheço há muito tempo.” – Desejamos fazer várias perguntas sobre diversos pontos de vossa doutrina, mas, considerando o avançar da hora o nosso objetivo é apenas perguntar se podereis fazê-lo na próxima sessão. – Com prazer. Permitti-me, porém, desde já, fazer uma correção nos meus escritos, correção importante para mim. Quando escrevi minha doutrina, pretendia, segundo os conselhos do mundo celeste que a ditavam, que cada povo se achava no céu, numa esfera separada, e que o caráter distintivo de cada nação reapareceria ainda, não por indivíduos, mas por grandes famílias. A experiência convenceu-me de que isso não é assim.

– Não há outros pontos sujeitos a contestação? – R. Sim, muitos outros; mas este é um dos mais marcantes.

– Temos aqui vários médiuns; tendes preferência por algum para vos comunicardes conosco? – R. Não... digo, sim; eu escolheria um médium mecânico, como os chamais, e ao mesmo tempo rápido.

Sexta-feira, 23 de setembro de 1859 [Sessão Geral]

Leitura da ata da sessão do dia 16.

Apresentação de quatro candidatos como membros titulares. Sua admissão será discutida na próxima sessão particular do dia 7 de outubro, e aceita, se for o caso.

Comunicações – Leitura de uma carta de Rouen, relatando um fato autêntico ocorrido na família da pessoa que escreve, da aparição de sua avó no momento da morte.

Outro fato recente de aparição e de aviso de além-túmulo. O Sr. D..., de Paris, doutor em medicina, havia tratado durante algum tempo uma jovem mulher que padecia de doença incurável e que no momento não morava mais em Paris. Há cerca de quinze dias o médico foi despertado por pancadas à porta de seu quarto de dormir. Supondo que vinham chamá-lo para atender algum doente, perguntou: “Quem é? No mesmo instante viu aquela senhora à sua frente, dizendo-lhe com uma voz muito distinta: ‘Sou eu Sr. D..., venho dizer que morri.’ ” Tomando informações, ficou sabendo que aquela mulher havia morrido na mesma noite de sua aparição.

Fato curioso de separação momentânea entre a alma e o corpo aconteceu há alguns dias ao Sr. C., médium da Sociedade. (Será publicada com a explicação dada pelos Espíritos.)

Leitura de uma comunicação extraordinária, dada pelo Espírito Privat d'Anglemonet ao Sr. Ch..., médium da Sociedade. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

Estudos – Três comunicações espontâneas tinham sido prometidas para esta sessão: uma de César, uma de Swedenborg e uma de Privat d'Anglemonet. Fizeram escrevê-las simultaneamente por três médiuns diferentes, todos mecânicos.

A seguir, diversas perguntas são feitas a Swedenborg sobre alguns pontos de sua doutrina, que ele reconhece errôneas. Fez-se a leitura prévia de uma notícia biográfica sobre Swedenborg, preparada pela Sra. P., membro da Sociedade. (Serão publicadas.)

O Sr. Det..., membro da Sociedade, havia preparado sobre César uma série de perguntas muito inteligentes, mas as explicações espontâneas dadas por esse Espírito tornaram supérfluas a maior parte delas. Todavia, serão examinadas e escolhidas as que forem julgadas proveitosas para ulterior deliberação.

O Sr. Dumas, de Sétif, membro titular da Sociedade, está presente à sessão. Pede para fazer-se evocação de alguns Espíritos que a ele se manifestaram, a fim de ter um controle das comunicações obtidas na Argélia. O resultado dessas evocações é idêntico e confirma as respostas que lhe haviam sido dadas. À questão de saber se ele pode concorrer eficazmente para a propagação do Espiritismo na África, foi respondido que não somente pode, como também deve.

Sociedade Espírita no Século XVIII

Ao Senhor Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor Presidente,

“Não é de 1853, época em que os Espíritos começaram a manifestar-se pelo movimento das mesas e por pancadas, que data o restabelecimento das evocações. No histórico do Espiritismo, que lemos em vossas obras, não mencionais uma Sociedade como a nossa, cuja existência, com grande surpresa minha, foi revelada por *Mercier*, em seu *Tableau de Paris*, edição de 1788, no capítulo intitulado *Spiritualistes*, 12^o volume. Eis o que ele diz:

“Por que a Teologia, a Filosofia e a História mencionam várias aparições de Espíritos, de gênios ou de demônios? A crença de uma parte da Antigüidade era a de que cada homem tinha dois Espíritos: um bom, que convidava à virtude, e outro mau, que incitava ao mal.

“Uma *seita nova* acredita no retorno dos Espíritos a este mundo. Ouvi várias pessoas que estavam realmente persuadidas de que há meios para os evocar. Estamos rodeados por um mundo que não percebemos. À nossa volta estão seres dos quais não fazemos a menor idéia; dotados de uma natureza intelectual superior, eles nos vêem. Não há vazio no Universo: eis o que asseguram os adeptos da *ciência nova*.

“Assim, a volta das almas dos mortos, aceita em toda a Antigüidade, de que zombava a nossa filosofia, é hoje aceita *por homens que não são nem ignorantes, nem supersticiosos*. Todos esses Espíritos, aliás chamados na Escritura *os Príncipes do Ar*, estão sempre sob as ordens do Senhor da Natureza. Aristóteles diz que os Espíritos aparecem freqüentemente aos homens por necessitarem uns dos outros. Não me refiro aqui senão ao que nos dizem os partidários da existência dos gênios.

“Se acreditamos na imortalidade da alma precisamos admitir que essa multidão de Espíritos pode manifestar-se depois da morte. Entre essa imensidade de prodígios de que estão cheios todos os países da Terra, *se ocorrer um só, a incredulidade será um contra-senso*. Creio, portanto, que não haveria menos temeridade em negar do que em sustentar a verdade das aparições. Estamos num mundo desconhecido.”

Não se poderá acusar Mercier de incredulidade e de ignorância. No extrato que precede vemos que não rejeita *a priori* as manifestações dos Espíritos, conquanto não tenha tido ocasião de as testemunhar. Entretanto, como homem prudente, adia seu julgamento até maiores informações. A propósito do magnetismo

já havia dito: “Isto é tão misterioso, tão profundo e tão inacreditável que devemos rir, ou cair de joelhos. Eu não faço nem uma coisa, nem outra: *observo e espero.*”

Seria interessante saber por que essas evocações, retomadas em 1788, foram interrompidas até 1853. Teriam os membros da Sociedade, que delas se ocupavam, perecido durante a Revolução? É lamentável que Mercier não tenha revelado o nome do presidente daquela Sociedade.

Recebei, etc.

Det...

Membro titular da Sociedade.

Observação – O fato relatado por Mercier tem importância capital e um alcance que ninguém poderá desconhecer. Prova, já naquela época, que homens apreciáveis por sua inteligência ocupavam-se seriamente com a ciência espírita. Quanto à causa que levou à extinção dessa Sociedade, é provável que as perturbações que se seguiram tiveram grande papel em tudo isso; mas não é exato dizer que as evocações foram interrompidas até 1853. É verdade que em torno dessa época as manifestações tiveram maior desenvolvimento, mas está provado que elas jamais cessaram. Em 1818 tivemos em mãos uma notícia manuscrita sobre a Sociedade dos Teósofos, que existia no começo deste século e que pretendia, através do recolhimento e da prece, entrar em comunicação com os Espíritos; era, provavelmente, a continuação da Sociedade de que nos fala Mercier. Desde o ano 1800 o célebre abade Faria, de acordo com um cônego seu amigo, antigo missionário no Paraguai, ocupava-se da evocação e obtinha comunicações escritas. Todos os dias ficávamos sabendo que certas pessoas as obtinham em Paris, muito antes que se cogitasse dos Espíritos na América. Mas é preciso dizer também que antes dessa época todos aqueles que possuíam semelhante conhecimento faziam mistério; hoje, que é do domínio público, ele se vulgariza,

eis toda a diferença. Se fosse uma quimera não se teria implantado em alguns anos nos cinco continentes; o bom-senso já lhe teria feito justiça, precisamente porque cada um está em condições de ver e de compreender. Certamente ninguém contestará o progresso que essas idéias fazem diariamente, e isso nas camadas mais esclarecidas da sociedade. Ora, uma idéia que demanda o raciocínio, que cresce e se plenifica pela discussão e pelo exame, não tem as características de uma utopia.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O PAI CRÉPIN

(Sociedade, 2 de setembro de 1859)

Recentemente os jornais anunciaram a morte de um homem que residia em Lyon, onde era conhecido pelo nome de Pai Crépin. Era muitas vezes milionário e de uma avareza pouco comum. Nos últimos tempos de sua vida viera morar com o casal Favre, que se comprometeu a alimentá-lo mediante 30 centavos por dia, feita a dedução de 10 centavos para o seu tabaco. Possuía nove casas e antes morava em uma delas, numa espécie de nicho que mandara construir sob a escada. Na época de receber os aluguéis arrancava os cartazes das ruas e deles se servia para dar os recibos. O decreto municipal que prescrevia a caiação das residências lhe causava um terrível desespero; fez diligências no sentido de obter uma exceção, mas tudo foi inútil. Gritava que estava arruinado. Se tivesse somente uma casa, resignar-se-ia; mas — acrescentava — tenho nove.

1. *Evocação*

Resp. — Eis-me aqui. Que quereis de mim? Oh! meu ouro! meu ouro! Que fizeram dele?

2. *Tendes saudades da vida terrestre?*

Resp. — Oh! Sim!

3. Por que tendes saudades?

Resp. – Não posso mais tocar no meu ouro, contá-lo e guardá-lo.

4. Em que empregais o vosso tempo?

Resp. – Ainda estou muito preso à Terra e é difícil que me arrependa.

5. Vindes algumas vezes rever os vossos queridos tesouros e vossas casas?

Resp. – Tantas vezes quanto posso.

6. Quando vivo alguma vez considerastes que não levaríeis nada disso para o outro mundo?

Resp. – Não. Minha única preocupação estava voltada para as riquezas, de modo a acumulá-las; jamais pensei em separar-me delas.

7. Qual era o vosso objetivo ao acumular essas riquezas, que não serviam para nada, nem mesmo para vós, considerando-se que passáveis por muitas privações?

Resp. – Eu experimentava a volúpia de tocá-las.

8. De onde provinha tão sórdida avareza?

Resp. – Do prazer que experimentava meu Espírito e meu coração por ter muito dinheiro. Na Terra não tive outra paixão.

9. Compreendeis que era avareza?

Resp. – Sim, compreendo agora que eu era um miserável. Entretanto, meu coração ainda é muito terreno e continuo experimentando um certo prazer em ver o meu ouro; mas não posso apalpá-lo e isso já é um começo de punição na vida em que me encontro.

10. Não experimentáveis nenhum sentimento de piedade pelos infelizes que padeciam a miséria, e jamais vos acudiu o pensamento de os aliviar?

Resp. – Por que eles não tinham dinheiro? Azar deles!

11. Recordais a existência que tivestes, anterior a esta que acabais de deixar?

Resp. – Sim, eu era pastor, muito infeliz de corpo, mas feliz de coração.

12. Quais foram os vossos primeiros pensamentos quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos?

Resp. – O meu primeiro pensamento foi o de procurar as minhas riquezas, principalmente meu ouro. Quando não vi senão o espaço, senti-me muito infeliz; meu coração se despedaçou e o remorso começou a apoderar-se de mim. Creio que quanto mais continuar procurando riquezas, mas sofrerei de minha avareza terrestre.

13. Qual é agora, para vós, a conseqüência da vossa vida terrestre?

Resp. – Inútil para meus semelhantes, inútil diante da eternidade, mas infeliz para mim perante Deus.

14. Sois capaz de prever uma nova existência corporal?

Resp. – Não sei.

15. Se em breve devêsseis ter uma nova existência corporal, qual a que escolheríeis?

Resp. – Escolheria uma existência em que pudesse tornar-me útil aos meus semelhantes.

16. Quando vivo não tínheis amigos na Terra? Um avarento como vós não os pode ter. Tende-os entre os Espíritos?

Resp. – Jamais orei por alguém; meu anjo-da-guarda, ao qual muito ofendi, é o único que tem piedade de mim.

17. À vossa entrada no mundo dos Espíritos havia alguém que vos veio receber?

Resp. – Sim, minha mãe.

18. Já fostes evocado por outras pessoas?

Resp. – Uma vez, por pessoas a quem maltratei.

19. Não estivestes na África, num centro onde se ocupam com os Espíritos?

Resp. – Sim, mas toda aquela gente não tinha nenhuma piedade de mim, o que é muito triste. Aqui sois compassivos.

20. Nossa evocação vos será proveitosa?

Resp. – Muito.

21. Como adquiristes fortuna?

Resp. – Ganhei um pouco honestamente; mas explorei muito e roubei um pouco os meus semelhantes.

22. Podemos fazer alguma coisa por vós?

Resp. – Sim, um pouco de vossa piedade para uma alma em sofrimento.

(Sociedade, 9 de setembro de 1859)

Perguntas dirigidas a São Luís, a propósito do Pai Crépin

1. O Pai Crépin, que evocamos ultimamente, era um raro tipo de avarento. Não nos pôde dar explicações sobre a origem dessa paixão. Teríeis a bondade de no-las complementar? Ele nos disse que tinha sido pastor, muito infeliz de corpo, mas feliz de coração. Nada vemos nisso que lhe pudesse desenvolver essa avareza sórdida. Poderíeis dizer-nos o que a gerou?

Resp. – Ele era ignorante, inexperiente; pediu riqueza e ela lhe foi concedida, mas como punição pelo seu pedido. Não a pedirá mais, estejais certos.

2. O Pai Crépin oferece-nos o tipo de avareza ignóbil, mas essa paixão comporta gradações. Assim, há pessoas que não são avarentas senão para os outros. Perguntamos qual é o mais culpável: aquele que acumula pelo prazer de acumular e se priva até do necessário ou o que, de nada se privando, é sovina quando se trata do menor sacrifício para com o próximo?

Resp. – É evidente que o último é mais culpável, porquanto é profundamente egoísta. O outro é louco.

3. Nas provas que deve sofrer para alcançar a perfeição, deve o Espírito passar por todos os gêneros de tentação. Em relação ao Pai Crépin, poderíamos dizer que a ocasião da avareza chegou por intermédio das riquezas que estavam à sua disposição, e que ele sucumbiu?

Resp. – Isto não é regra geral, mas é exato em se tratando dele. Sabeis que há muitos que desde o começo tomam um caminho que os livra de muitas provas.

SRA. E. DE GIRARDIN, MÉDIUM

Extraímos o artigo seguinte da crônica do *Paris-Journal*, nº 44. Não há necessidade de comentário; ele mostra que, se todos os partidários do Espiritismo são loucos, como o dizem pouco delicadamente aqueles que se arrogam sem-cerimônia o privilégio do bom-senso, podemos consolar-nos e até mesmo sentir-nos honrados de ir para os hospícios em companhia de inteligências da têmpera da Sra. de Girardin e de tantos outros.

“Outro dia eu vos prometi a história da Sra. de Girardin e de um célebre médico. Contá-la-ei hoje, porque obtive a permissão; é uma história bastante curiosa. Ficaremos ainda no sobrenatural; dele nos ocupamos mais do que nunca, nós que, por dever de ofício, tomamos o pulso de Paris e o achamos ligeiramente febril. Decididamente, para a natureza humana há uma certa

necessidade de saber o futuro e penetrar os mistérios da Natureza. Quando se vê inteligências como a de Delphine Gay entregar-se a estas práticas, que consideramos pueris, não lhes podemos recusar uma certa importância, sobretudo quando apoiadas em testemunhos irrecusáveis, tais como este de que vos falo e que ireis conhecer. Refiro-me ao testemunho, e não ao médico, entendei bem.

“A Sra. de Girardin tinha uma pequena prancheta e um lápis. Consultava-os incessantemente. Obtinha, assim, conversações com muitas celebridades da História, sem contar com o diabo, que nelas também se imiscuía. Uma noite, ele mesmo veio revelar-se a uma importante personagem que não teve medo, pois sua atribuição é a de expulsá-lo. A grande Delphine nada fazia sem consultar a prancheta; pedia-lhe conselhos literários que esta jamais recusava; era até mesmo para a ilustre poetisa de uma severidade magistral. Assim, repetia-lhe incessantemente que não escrevesse mais tragédias, sem a menor consideração pelos versos maravilhosos que compõem sua peça *Judith* e *Cleópatra*. Quem é que vai assistir à representação de uma tragédia? Os fanáticos da poesia dramática. Que buscam eles, numa tragédia? Os belos versos que os comovem e sensibilizam, e *Judith* e *Cleópatra* fervilham desses pensamentos de mulher, expressos por uma mulher de espírito e de um coração eminentes, cujo talento ninguém contesta. Enfim, a prancheta não queria mais a tragédia; obstinava-se na prosa e na comédia; colaborava nos desenlaces e corrigia a prolixidade.

Não somente Delphine lhe confiava seus trabalhos literários, como ainda lhe contava seus sofrimentos e pedia conselhos para a saúde. Infelizmente esses conselhos, ditados pela imaginação da doente ou pelo demônio, contribuíram para afastá-la de nós. Ela tomava remédios incríveis: torradas com pimenta, pimentões e todas as extravagâncias prejudiciais a uma natureza inflamável como a sua. Disso foram encontradas provas após a sua morte, das quais os seus amigos e admiradores jamais se consolarão.

“Todo mundo conhece Chasseriau, arrebatado também na flor da idade. Fez de memória um soberbo retrato da bela defunta. Fizeram dele uma gravura, que hoje está por toda parte. Ele levou o retrato ao doutor em questão e lhe perguntou se estava contente. Este último fez alguns ligeiros reparos. O pintor já ia concordar com essas modificações quando os dois tiveram a idéia de se dirigir ao próprio modelo. Colocaram as mãos sobre a prancheta e a Sra. de Girardin se manifestou quase que imediatamente. Pode-se imaginar qual teria sido a sua emoção. Interrogada sobre o retrato, disse que não estava perfeito, mas que não o deviam retocar, pois corriam o risco de danificá-lo, sendo a semelhança muito difícil de captar quando não se tem outro guia a não ser a memória. Fizeram-lhe outras perguntas; a algumas recusou-se a responder, embora atendesse a outras.

“Perguntaram o lugar onde ela estava.

“– Não quero dizê-lo, retrucou.

E apesar de todos os pedidos nada puderam obter a esse respeito.

“ – Sois feliz?

“ – Não.

“ – Por quê?

“ – Porque não posso mais ser útil àqueles a quem amo.

Permaneceu muda obstinadamente enquanto lhe falaram da outra vida e não prestou nenhuma informação; não disse sequer se assim agia por lhe ser proibido ou por vontade própria. Depois de uma longa conversa foi-se embora. Lavrou-se a ata dessa sessão. As duas testemunhas ficaram tão impressionadas que não mais recomeçaram a experiência. O médico podia agora evocar aquele que o ajudara naquele dia e ter esses dois grandes

Espíritos na sua prancheta. Como tudo passa neste mundo! E que ensinamentos nestes fatos estranhos, se os tomarmos do ponto de vista filosófico e religioso!”

As Mesas Volantes

Sob esse título encontramos o artigo seguinte na *Illustration* de 1853, precedido das indispensáveis anedotas, pelo que pedimos perdão aos nossos leitores.

“Ora, ora, trata-se das mesas girantes! Eis as mesas volantes! E não é de hoje que o fenômeno se produz; existe há muitos anos. Onde? – indagais. Palavra de honra que é um pouco longe: na Sibéria! Um jornal russo, *Sjevernava Plschela*, que significa *A Abelha do Norte*, em seu número de 27 de abril último contém a respeito um artigo do Sr. Tscherepanoff, que viajou no país dos Kalmouks. Eis um trecho:

“Deve-se saber que os lamas, sacerdotes da religião budista, à qual aderem todos os mongóis e buretas russos, como os antigos sacerdotes do antigo Egito não comunicam os segredos que descobrem, mas, ao contrário, deles se servem para aumentar a influência que exercem sobre um povo naturalmente supersticioso. É assim que pretendem ter o poder de encontrar os objetos roubados, utilizando-se, para isso, da *mesa volante*. As coisas se passam da seguinte maneira:

“A vítima do roubo dirige-se ao lama, pedindo que lhe revele o local onde estão escondidos os objetos. O sacerdote de Buda pede dois ou três dias, a fim de preparar-se para essa grave cerimônia. Expirado o prazo, ele se senta no chão, coloca diante de si uma pequena mesa quadrada, põe as mãos sobre ela e começa a ler algo incompreensível; isto dura meia hora. Depois de haver balbuciado qualquer coisa, levanta-se, mantendo sempre a mão na mesma posição inicial, e a mesa se ergue no ar. O lama se apruma

e põe as mãos no alto da cabeça e a mesa sobe na mesma altura; dá um passo à frente e o móvel segue no ar o seu exemplo; recua, e a mesa faz o mesmo. Em suma, a mesa toma várias direções, terminando por cair no chão. É na direção principal que a mesa tomou que se encontra o local procurado. A crer nos relatos dos habitantes, houve casos em que a mesa foi cair exatamente no lugar que ocultava o objeto roubado.

“Na experiência a que assistiu o Sr. Tscherepanoff a mesa voou até a distância de 15 toesas²⁷. O objeto roubado não foi encontrado imediatamente. Mas na direção indicada pelo móvel residia um camponês russo, que percebeu o sinal e no mesmo dia atentou contra a vida. Sua morte súbita levantou suspeitas. Fizeram pesquisas em seu domicílio e ali encontraram o que procuravam. O viajante presenciou três outras experiências; todas, no entanto, fracassaram. A mesa não quis mover-se; os lamas, porém, não ficaram embaraçados para explicar tal imobilidade: se o móvel não se movia é que os objetos não podiam ser encontrados.

“O Sr. Tscherepanoff testemunhou esse fenômeno em 1831, na aldeia de Jélany: “Eu não acreditava no que viam os meus olhos; estava convencido de que havia alguma escamoteação e que meu lama se servia de uma corda habilmente dissimulada ou de um fio de ferro para erguer a mesa no ar. Todavia, olhando de perto, não percebi nenhum sinal de cordão ou de fio de ferro; a mesa era uma prancha fina de pinheiro, não pesando mais que uma libra e meia. Hoje estou persuadido de que o fenômeno é produzido pelas mesmas causas da *dança das mesas*.

“Assim, os chefes da seita dos *Espíritos*, que acreditavam ter inventado a *table-moving*, nada mais fizeram do que espalhar uma invenção, há muito conhecida entre outros povos. *Nihil sub sole novi*, dizia Salomão. Quem sabe se ao tempo do próprio Salomão não era conhecida a maneira de fazer girar as

27 N. do T.: Cerca de 30 metros.

mesas!... Que estou dizendo? Esse processo era conhecido muito antes do digno filho de David. Lede o *North-China-Herald*, citado pela *Gazette d'Ausbourg* de 11 de maio, e vereis que os habitantes do celeste império se divertiam com esse jogo desde tempos imemoriais.”

Pertencendo à Natureza, conforme já dissemos centenas de vezes, o Espiritismo é uma de suas forças, razão por que os fenômenos que dele resultam devem ter-se produzido em todos os tempos e entre todos os povos, interpretados, comentados e adaptados segundo os costumes e o grau de instrução. Jamais pretendemos que fosse uma invenção moderna. Quanto mais avançarmos, mais iremos descobrindo os traços que ele deixou por toda parte e em todas as idades. Os modernos não têm outro mérito senão o de tê-lo despojado do misticismo, do exagero e das idéias supersticiosas dos tempos de ignorância. É impressionante que a maior parte das pessoas que falam do Espiritismo com tanta leviandade jamais se deram ao trabalho de o estudar. Julgam-no por uma primeira impressão, na maioria das vezes por ouvir dizer, sem conhecimento de causa, e ficam surpreendidos quando lhes mostramos, no fundo de tudo isso, um dos princípios que dizem respeito aos mais graves interesses da Humanidade. E não se pense que aqui tratamos somente do interesse do outro mundo. Todo aquele que não se detém na superfície vê sem dificuldade que ele toca em todas as questões vitais do mundo atual. Quem teria pensado outrora que uma rã, dançando num prato, ao contato de uma colher de prata, daria origem a um meio de nos comunicarmos, em alguns segundos, de um a outro extremo da Terra, dirigir o raio e produzir uma luz que rivaliza com a do Sol? Paciência, senhores galhofeiros; de uma mesa que dança poderá muito bem sair um gigante que porá de lado os zombadores. Na marcha em que vão as coisas, isto não começa mal.

Allan Kardec

